



LESSANN, JANINE. Geografia no Ensino Fundamental I. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011. 177 p.

Tulio Barbosa*

A Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental ainda apresenta algumas dificuldades para o amplo desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, pois as carências impedem a ampliação de práticas educativas voltadas exclusivamente para o ensino de Geografia, tais problemas originam-se da formação não específica para o professor das séries iniciais, poucos trabalhos de pesquisa desenvolvidos se preocupam com o material pedagógico e didático direcionado para uma Geografia cognitivista. Compreendemos os méritos desta Geografia, mas também apontamos os problemas, já que essa Geografia

* Professor Adjunto do Instituto de Geografia (IG) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - na área de Ensino de Geografia. Membro do Laboratório de Ensino de Geografia (LEGEO-UFU). Endereço: Universidade Federal de Uberlândia - Instituto de Geografia. Laboratório de Ensino de Geografia Av. João Naves de Ávila, 2121 – Campus Santa Mônica, Bloco 1H. Uberlândia-MG – CEP 38408-100. E-mail: tulio@ig.ufu.br.

matematiza e geometriza o espaço geográfico, confundindo o mesmo como espaço geométrico.

A obra “Geografia no Ensino Fundamental I” da professora Janine Lessann é uma contribuição a organização das atividades escolares para o ensino de Geografia; assim, elenca inúmeras atividades e expectativas quanto às aplicações e os resultados destas. Os méritos desta obra justificam-se pela busca da orientação pedagógica e geográfica para a promoção do ensino especializado por meio de teorias, atividades práticas e orientações pedagógicas e didáticas. A obra é composta por 11 capítulos (1 – Ensinar no século XXI; 2 – Geografia na Escola; 3 – Construção Conceitual; 4 – Proposta de organização curricular para os cinco anos do Ensino Fundamental I; 5 – Formas de Avaliação; 6 – Construção do Conhecimento; 7 – Metodologia para a pesquisa no Ensino Fundamental I, 8 – Habilidades para trabalhar com dados geográficos; 9 – Recursos didáticos; 10 – Exercícios e 11 – Correções dos exercícios). O livro está bem estruturado, com sequências detalhadas e organizado de maneira didática. Os capítulos foram organizados para atender a formação ineficiente de professores do Ensino Fundamental I, proporcionando aos leitores a compreensão, na concepção teórica da autora, do que seja Geografia.

Não temos dúvidas que a obra contribui para o Ensino de Geografia, todavia entendemos que existem questões pendentes e; assim, formulações necessárias para as construções teóricas críticas referentes às mesmas. Neste sentido, sublinhamos nossa afirmação da importância da obra, mas apresentamos cuidados referentes a algumas temáticas e conceitos desenvolvidos na mesma.

A preocupação da autora com as concepções matemáticas e geométricas de mundo é visível desde as primeiras páginas do livro, desta maneira, organiza o caminho metodológico pelos postulados piagetianos e os impactos disso na formação de professores e, posteriormente, para seus alunos fomentam impedimentos para a compreensão da totalidade espacial, já que os pressupostos metodológicos ancoram-se na estrutura mental e negligenciam fatores sociais, econômicos, culturais e políticos. Aqueles que afirmam a impossibilidade destes fatores serem ensinados no Ensino Fundamental dissociam a materialidade da imaterialidade, como se fossem “entidades” autônomas.

A subtração dos processos históricos é também um problema que consideramos relevante para o Ensino de Geografia nas séries iniciais, já que os fenômenos são apresentados como resultados ausentando a relação espaço-tempo da perspectiva histórica, como se o

tempo e o espaço fossem programados organicamente e não sofressem ingerências políticas, econômicas e culturais.

A autora (p. 55) afirma que as percepções de tempo nos livros didáticos - analisados por ela - negligenciam a sistematização da história, a autora cobra uma sistematização destes autores de livros didáticos, qual deve partir do Big Bang para o futuro. É extremamente importante tal cobrança, todavia, esse rigor não é trabalhado nesta obra, já que concepção de tempo é originária, de forma considerável, do pensamento kantiano. A mesma afirma: “A construção do conceito fundante tempo tem como base o tempo percebido e vivido no dia-a-dia da criança”. (p. 55).

A Geografia, nesta obra, parte dos postulados piagetianos e o espaço privilegiado é o geométrico, já que as relações sociais e espaciais são destituídas desse universo escolar, bem como a dicotomia Geografia Física e Geografia Humana ainda presente. Os problemas práticos destas concepções inserem-se na fragmentação da realidade e no elevado papel dado ao espaço matematizado na esfera orgânica de mundo, como se o mesmo, por si e em si, trouxesse todos os elementos necessários para a formação da humanidade, pela Geografia, nos alunos.

O ensino sobre o espaço, segundo a autora, é o mais complexo e o entendimento do mesmo somente seria possível após anos de estudos; assim, entendemos os méritos da autora quanto a preocupação em promover a Geografia para além de conceitos dogmatizados e hierarquizados, todavia, a concepção relativista da mesma pode inviabilizar suas preocupações anti-dogmáticas, já que o mundo relativizado não tem verdade e, deste modo, a realidade somente pode ser compreendida pelo indivíduo por suas experiências e não pelas relações históricas, geográficas, sociais, culturais, econômicas e políticas. A autora afirma que:

A construção do conceito de espaço pode ser iniciada por uma reflexão a respeito das diferenças entre espaço fechado e espaço aberto. Essas noções são bastante subjetivas. Por isso, não existe uma definição definitiva, mas argumentos diversos, pontos de vista divergentes. Essa discussão traz uma reflexão metodológica relativa ao ensino. Com efeito, não existem verdades definitivas. [...] Por isso, a escola não pode apresentar definições e conhecimentos como definitivos, mas incentivar os alunos a pesquisar, argumentar, analisar, discutir, sintetizar e concluir em grupo ou individualmente. São habilidades geradoras de competências cada vez mais reconhecidas e procuradas no mundo atual. (p. 50).

O relativismo passa a ser dogmático, já que a verdade não tem como existir, nem mesmo o espaço fechado e aberto, estruturas físicas e visíveis; assim, o aluno passa a ter o conhecimento prático do seu cotidiano como elemento decisivo na fundamentação de suas

ações e pensamentos, portanto, aos alunos o auto-aprendizado, nesta concepção, é obrigatório e o professor tem papel de intermediador. As habilidades geradoras de competências partem do relativismo e esse fundamenta-se no sujeito ahistórico e sem definições sociais. Também a autora apresenta as “habilidades relacionadas ao conceito de espaço na Geografia” (p. 51) e destacamos de forma positiva sua preocupação em “identificar os elementos do espaço e os trabalhadores que atuam nele” (p. 51), pois entendemos que essa preocupação com os trabalhadores promovem uma visão mais crítica de mundo e foge, em parte, das concepções organicistas, todavia, essa preocupação não foi demonstrada nesta obra com mais exemplos e teorias.

Outro ponto que precisamos apreciar criticamente é a relação professor-aluno, pois nesta obra a autora evidencia o aluno como descobridor do mundo e o professor tem o papel de auxiliá-lo nas suas descobertas, ou seja, o professor como intermediário do conhecimento e não como produtor do conhecimento, negando a importância do professor na formação de conhecimentos. Também coloca no professor uma carga muito pesada, pois o mesmo é apresentado, em parte, como culpado pelo fracasso escolar:

“O papel do professor, dono do conhecimento acadêmico “definitivo” e “certo”, e a apatia do aluno são partes das causas dos fracos resultados obtidos na escola. Deve-se mudar a postura do ensino, de centrado no professor para centrado no aluno”. (p. 23).

O professor passa a ser desconsiderado como sujeito capaz de produzir conhecimentos e fomentar nos alunos condições teóricas e práticas para o avanço das suas condições de vidas imbricadas às exigências e imposições do capitalismo que é contraditório, excludente e perverso.

Em parte da obra preocupação é desenvolver habilidades matemáticas; assim, no capítulo 8 (Habilidades para trabalhar com dados geográficos) (p. 115) a autora seleciona uma série de problemas e procedimentos que permitem a compreensão matemática do espaço e do tempo. A Geografia é, em parte, substituída por noções matemáticas e correspondentes classificatórios, ou seja, a classificação por proximidade, por igualdade, por conjuntos são elementos, nesta concepção, decisivos para o ensino de Geografia. A substituição das categorias e conceitos geográficos por elementos da matemática inviabiliza o ensino de Geografia, já que gráficos, tabelas e registros gerais não são por si fontes de conhecimento geográfico, pois dependem da relação destes com o mundo e isso somente é possível, no Ensino de Geografia, pela produção de conhecimento organizado e sistematizado pelo professor em sala de aula.

No livro os trabalhos com mapas são pouco aprofundados e não tematizam as categorias e os conceitos geográficos. O ponto positivo é a insistência da autora na promoção do ensino de Geografia pela construção de maquetes e a interpretação deste como elemento importante para ensinar. Soma-se o mérito em trabalhar com desenhos e fotografias, possibilitando ao professor de Geografia novas linguagens, todavia essas linguagens precisam vincular-se a ciência geográfica por meio do espaço, lugar, território, região e paisagem – vinculada aos processos históricos e constituintes da sociedade.

Pensar a ciência geográfica para o Ensino Fundamental I é tarefa fundamental para a promoção da formação humana de sujeitos capazes de ir além das imposições cotidianas engessadas pelas relações de produção. A Geografia nas séries iniciais precisa formar uma humanidade comprometida com o conhecimento crítico e com valores sublimes, não se trata de utopia, pois é de outro mundo possível que falamos. Entendemos que obra “Geografia no Ensino Fundamental I” buscou na sua concepção teórico-metodológica elementos que possibilitassem a construção de um mundo melhor por meio do Ensino de Geografia, todavia, compreendemos que essa concepção não cumpre a necessidade para o entendimento da totalidade por causa da dicotomia sujeito-objeto, sujeito-mundo, Geografia Física-Humana, pelo relativismo dogmatizado e pelo papel secundário do professor na formação de uma humanidade.

Resenha recebida para avaliação em 28/11/2012 e aceita para publicação em 05/12/2012.